

QUALQUER COISA QUE TENTEMOS ESCREVER...¹

Natália Moreira Tosatti²

Leila Beatriz. A. Ponciano³

Quanto se ganha ou quanto se perde em uma tradução? Essa pergunta continuará sendo feita a cada texto que se traduz. Neste trabalho tomamos a decisão de optar por aquilo que se ganha. O tradutor, na sua luta constante com as palavras, faz com que o leitor atravesse a ponte de um idioma a outro encontrando do outro lado conhecimento, beleza, poesia. E, é por meio da tradução, que poderemos compartilhar nesta revista o texto escrito por Ítalo Calvino, “Qualquer coisa que eu tente escrever”.

Calvino produziu esse texto em outubro 1967, em Paris. Foi publicado em espanhol em janeiro de 1968 na revista cubana “Casa de las Americas” (em número especial todo dedicado a Che Guevara). O original integral italiano foi publicado na Itália somente 30 anos depois, em 1998, no número 1 da revista “Che”, da Fundação Italiana Ernesto Che Guevara, presidido por Roberto Massari¹. Massari, que se denomina “guevarista e guevarólogo” nos explicou que a demora na publicação do texto em italiano, deu-se pela dificuldade de acesso ao texto.

Esse texto de Calvino é uma homenagem a Che Guevara, morto na Bolívia em outubro de 1967. Nele o autor enaltece não a figura do guerrilheiro, mas principalmente o símbolo de luta que ele representava. Pode parecer descontextualizado falar sobre Che Guevara neste momento, mas se o encararmos como um sonhador que se dedicava à luta pela liberdade e pelo homem, veremos que sempre é tempo de nos lembrarmos dele. A seguir apresentamos a tradução² de *Qualsiasi cosa cerchi di scrivere* e o texto original.

¹ Agradecemos a Roberto Massari que, gentilmente, autorizou a tradução do texto de Italo Calvino. Agradecemos à professora Patrizia Bastianetto as observações feitas nessa tradução.

² Doutoranda em estudos Linguísticos - UFMG

³ Graduada em Letras - Habilitação italiano – UFJF e aluna em disciplina isolada da Pós-Graduação - UFMG

QUALQUER COISA QUE EU TENTE ESCREVER

Italo Calvino

Qualquer coisa que eu tente escrever para expressar a minha admiração por Ernesto Che Guevara, pela maneira como ele viveu e morreu, me soa estranho. Eu ouço a sua risada que me responde, cheia de ironia e de compaixão. Eu estou aqui no meu escritório, entre os meus livros, na fictícia paz e na fictícia prosperidade da Europa, dedicando um breve intervalo do meu trabalho para escrever sem nenhum risco, sobre um homem que quis assumir todos os riscos, que não aceitou a ilusão de uma paz provisória. Um homem que cobrava de si mesmo e dos outros o máximo espírito de sacrifício, convencido de que o não se sacrificar hoje, resultará em sacrifícios ainda maiores amanhã.

Guevara é para nós um chamado à reflexão sobre o que há de mais grave em tudo aquilo que diz respeito à revolução e ao futuro do mundo, é uma crítica radical a cada atitude que sirva apenas para estarmos em paz com a nossa consciência. Nesse sentido ele permanecerá no centro das nossas discussões e dos nossos pensamentos, não somente quando era vivo, mas também hoje, após a sua morte. É uma presença que não requer de nós consensos superficiais ou homenagens formais; pois isso seria minimizar ou não reconhecer o extremo rigor da sua lição. A “linha de conduta do Che” exige muito dos homens, exige muito seja como método de luta, seja como perspectiva da sociedade que deve nascer da luta. Diante de tanta coerência e coragem em levar até as últimas consequências um pensamento e uma vida, sejamos antes de tudo modestos e sinceros, conscientes daquilo que a “linha do Che” quer dizer - uma transformação radical não apenas da sociedade, mas da “natureza humana”, começando por nós mesmos - e conscientes do que nos afasta para colocá-la em prática.

O diálogo de Guevara com todos aqueles que permitiram a sua aproximação, o longo diálogo que para a sua não longa vida (diálogo-ação, diálogo sem nunca abandonar o fuzil), não será interrompido pela morte, continuará a expandir-se. Mesmo para um

Teia - nº 3 - Agosto/2011 - Tradução

interlocutor eventual e desconhecido (como talvez eu fosse, naquele momento, em um grupo de convidados, numa tarde de 1964, no seu gabinete do Ministério da Indústria), o encontro com ele não seria um acontecimento qualquer. Os diálogos que contam afinal, são aqueles que continuam silenciosamente no pensamento. Na minha mente o diálogo com o Che continuou durante esses anos e quanto mais o tempo passava mais ele tinha razão. Mesmo agora, na sua morte ele dá vida a uma luta que não irá parar, ele continua tendo sempre razão.

Outubro 1967

QUALSIASI COSA CERCHI DI SCRIVERE

di Italo Calvino

Qualsiasi cosa cerchi di scrivere per esprimere la mia ammirazione per Ernesto Che Guevara, per come visse e per come morì, mi pare fuori tono. Sento la sua risata che mi risponde, piena d'ironia e di commiserazione. Io sono qui, seduto nel mio studio, tra i miei libri, nella finta pace e finta prosperità dell'Europa, dedico un breve intervallo del mio lavoro a scrivere, senza alcun rischio, d'un uomo che ha voluto assumersi tutti i rischi, che non ha accettato la finzione d'una pace provvisoria, un uomo che chiedeva a sè e agli altri il massimo spirito di sacrificio, convinto che ogni risparmio di sacrifici oggi si pagherà domani con una somma di sacrifici ancor maggiori.

Guevara è per noi questo richiamo alla gravità assoluta di tutto ciò che riguarda la rivoluzione e l'avvenire del mondo, questa critica radicale a ogni gesto che serva soltanto a mettere a posto le nostre coscienze. In questo senso egli resterà al centro delle nostre discussioni e dei nostri pensieri, così ieri da vivo come oggi da morto. E' una presenza che non chiede a noi né consensi superficiali né atti di omaggio formali; essi equivarrebbero a

Teia - n° 3 - Agosto/2011 - Tradução

misconoscere, a minimizzare l'estremo rigore della sua lezione. La "linea del Che" esige molto dagli uomini; esige molto sia come metodo di lotta sia come prospettiva della società che deve nascere dalla lotta. Di fronte a tanta coerenza e coraggio nel portare alle ultime conseguenze un pensiero e una vita, mostriamoci innanzitutto modesti e sinceri, coscienti di quello che la "linea del Che" vuol dire -una trasformazione radicale non solo della società ma della "natura umana", a cominciare da noi stessi- e coscienti di che cosa ci separa dal metterla in pratica.

La discussione di Guevara con tutti quelli che lo avvicinarono, la lunga discussione che per la sua non lunga vita (discussione-azione, discussione senz'abbandonare mai il fucile), non sarà interrotta dalla morte, continuerà ad allargarsi. Anche per un interlocutore occasionale e sconosciuto (come potevo esser io, in un gruppo d'invitati, un pomeriggio del 1964, nel suo ufficio del Ministero dell'Industria) il suo incontro non poteva restare un episodio marginale. Le discussioni che contano sono quelle che continuano poi silenziosamente, nel pensiero. Nella mia mente la discussione col Che è continuata per tutti questi anni, e più il tempo passava più lui aveva ragione. Anche adesso, morendo nel mettere in moto una lotta che non si fermerà, egli continua ad avere sempre ragione.

ottobre 1967